

Lendas e Histórias da Nossa Terra



Nesta edição

2 — Editorial

3 e 4 — Lima Barreto
Jason Tércio

5 e 6 — Sexualidade e a Moda Portuguesa
Paulo Bertran

7 e 8 — Mito Indígena
Manoel Rodrigues

9, 10 e 11 — Formoso de Minas
Xico Mendes

12 — Música Popular
Renato Vivacqua

13 e 14 — A Elite Dirigente
Corsino Medeiros

15 e 16 — Canudos
Cyl Gallindo

17 — Poesias

18 — Literatura
Orlando Tejo

19 — Cartas

20 — Contracapa

Formoso de Minas: breve história

■ Xico Mendes

A desmistificação do en Deusamento simbólico de falsos heróis e o desprezo pela ênfase às "datas marcantes" têm sido uma tônica muito em voga na produção do conhecimento histórico baseado nas concepções teórico-metodológicas da historiografia crítica. Entretanto, é plausível frisar que a comprovação de historicidade dos fatos está, indissociavelmente, vinculada à cronicidade dos acontecimentos. Se as datas não são, necessariamente, um referencial de análise por si mesmas, devem ser e prever, excluído seu caráter positivista, como um fator acessório sem o qual não será possível realizar interpretações abrangentes. Cada sociedade, nas suas relações e contradições, é marcada por datas que se tornam decisivas na construção e indispensáveis na compreensão do seu processo histórico. E Formoso possui as suas.

Em cinco de outubro de 1870, o Governo de Minas Gerais outorgava a Lei Provincial nº 1.713 pela qual era transformado em distrito de Paracatu o então arraial de FORMOSO. Distante e perdido nos sertões urucuanos, na fronteira de Minas com Goiás e Bahia, o povoado era mais um vilarejo paupérrimo que tentava superar o atraso sócio-econômico em busca de sua organização política e administrativa. De lá para cá muitas coisas mudaram, vários problemas foram resolvidos e outros surgiram em decorrência de seu processo civilizatório.

Neste longo período, os caminhos sinuosos percorridos por tropeiros e carros-de-boi para Januária, São Francisco, São Romão e Formosa viraram rodovias, as vielas viraram ruas e avenidas, as casas de taipa foram substituídas por edificações modernas, o modismo da televisão modificou os hábitos tradicionais, a população cresceu, tornou-se complexa e heterogênea. Nas palavras proféticas de Afonso Arinos, "a civilização ganhou (enfim), estas paragens" e o buriti perdido, "velha palmeira solitária, testemunha sobrevivente do drama da conquista", presenciou, silencioso e indefeso, a transformação do cerrado em imensos espaços limpos dominados pela pecuária e a agricultura comerciais.



A Derrubada, Antonio Parreiras

Com uma população de 7.200 habitantes e um território de 4.166 quilômetros quadrados, Formoso é hoje um dos maiores celeiros de grãos do Noroeste de Minas. Cidade antiga e pitoresca, o seu progresso foi lento e gradual. Suas origens remontam aos fins do século XVIII e deve ser compreendida como um desdobramento do processo de ocupação do planalto central. E neste processo, cabe aqui destacar, especificamente, os indícios históricos de penetração do homem branco nesta região à procura de metais preciosos e ambientes propícios à pecuária. Como se sabe, o Noroeste

Mineiro nos tempos coloniais foi ponto de intercâmbio entre os centros criadores do Vale do São Francisco e as minas de Paracatu e do Centro-Oeste.

Segundo o historiador Oliveira Mello, desde fins do século XVI, o Noroeste já era penetrado por vários bandeirantes como Domingos Luis Grou, Antônio Macedo, Domingos Rodrigues e Domingos Fernandes, visto que em relatórios da época encontramos referências sobre conflitos travados com indígenas da região. Não obstante, a primeira notícia concreta dessa penetração é constatada numa

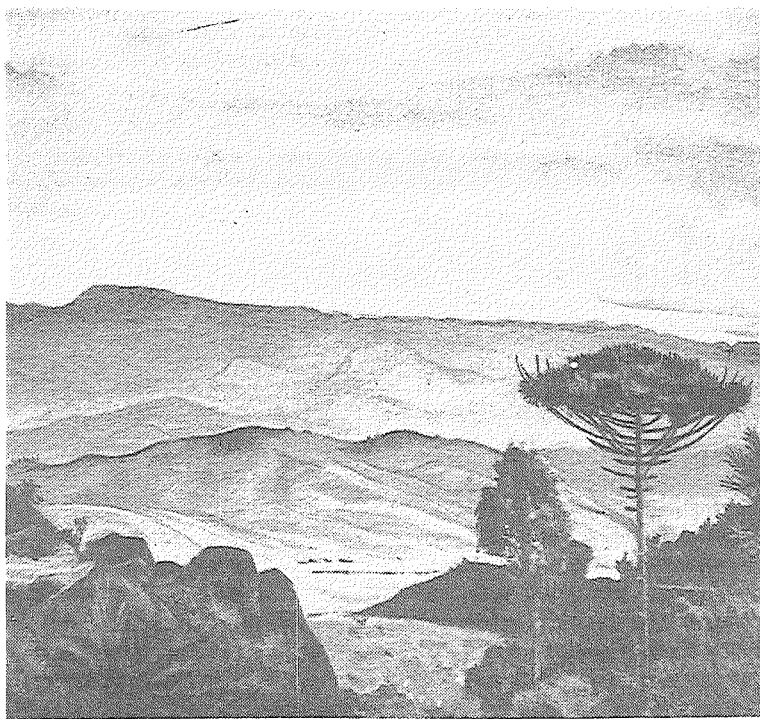
cédula de testamento do Sr. Martim Francisco, membro da bandeira de Nicolau Barreto durante a expedição de 1602-1604, e na qual é citado nominalmente o rio Paracatu como o primeiro topônimo primitivo destes lugares. Trata-se do primeiro sinal da presença dos sertanistas na região. Um relatório feito em 1623 pelo padre Antônio de Araujo sobre a bandeira de André Fernandes realizada dez anos antes, atesta também que esta chegou a estar no atual município de Unai ao mencionar o rio Luna (hoje Rio Preto); ainda no século XVII, além de Antonio Pedroso de Alvarenga e Lazaro Costa, outro sertanista que atinge esta região é Lourenço Castanho Taques (1668-1670), que estava em locais hoje pertencentes ao município de Buritis na sua divisa com Goiás.

Mas o Noroeste mineiro só é ocupado de forma efetiva a partir do século XVIII no alvorecer do cobiçado e fastigioso ciclo da mineração. Uma carta dirigida por Teodósio Duarte Coimbra ao Conde Valadares comprova que Paracatu já era, no começo daquele século, um arraial promissor. No entanto, somente em 1733 com a descoberta das minas do Paracatu por Felisberto Caldeira Brant e José Rodrigues Froes, e sua respectiva oficialização em 1744, ao governador da província Gomes Freire de Andrada é que ocorre o grande movimento populacional do qual resultou a fundação dos nú-

cleos originários dos diversos municípios do Noroeste atual. Outrossim, o batismo do menino Gonçalo em Capim Branco (Unai) é mais um indício de que, já em 1792, este povoado embrionário fosse um importante elo de ligação das minas de Paracatu com os demais povoados que iam surgindo no restante da região. Dentre eles, Formoso.

Neste sentido, é conveniente acrescentar que a primeira sesmária legalizada em locais próximos de Formoso, foi concedida a Francisco Alvares de Carvalho em 1739 cujos terrenos hoje fazem parte de Buritis. Foi também nesta época, após a descoberta das minas de Santa Luzia (Luziânia) em 1746 por Antônio Bueno de Azevedo e a instalação, em 1736, do posto fiscal denominado "Registro da Lagoa Feia", berço do Arraial de Couros (Formosa), que fortaleceram os laços de conexão entre o Nordeste e o Centro-Oeste através da famosa "Picada da Bahia" (caminho que atravessava o noroeste pela margem esquerda do São Francisco).

A partir dessa conexão, por sua vez, fortalecida com a crise da mineração no final do século XVIII, o Noroeste mineiro e o Vale do Rio Paraná despontaram como grandes núcleos e entrepostos de criação de gado. É exatamente dentro dessa contextualização global e complexa que inserimos nossa proposta de abordagem explicativa sobre a fundação e a evolução histó-



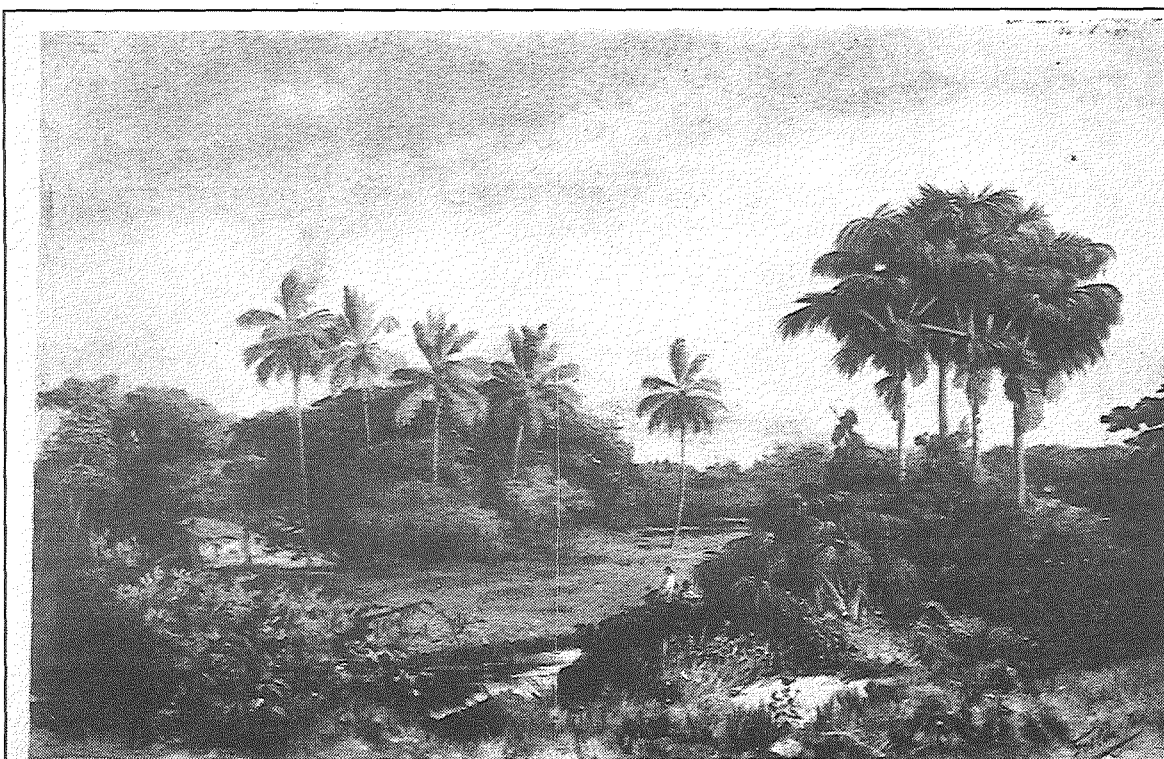
Paisagem de Itatiaia, Guignard

rica de Formoso. Antes, porém, convém ressaltar, para fins didáticos, que a história de Formoso está dividida em duas grandes etapas.

A "FASE DE FORMAÇÃO" ou Formoso Antigo, que vai desde fins do século XVIII até 1963. Nesta fase, temos a "ERA PRIMORDIAL" (século XVIII-1870) com um só período designado de "ARCAICO"; e a "ERA DISTRITAL" (1870-1963) em que se sobressaem os períodos "PARACATUENSE" (1870-1923) e "ROMANENSE" (1923-1963). A segunda, denominada "FASE DE ESTRUTURAÇÃO" ou Formoso Moderno, inicia-se com a criação do município na data precedente e vai até os dias atuais. Chamada de "ERA MUNICIPAL", ela é subdividida nos períodos "MODERNO I" ou Longa Transição (1963-1988) e "MODERNO II" (atualidades).

A Fase de Formação histórica de Formoso deve-se, como vimos anteriormente, ser compreendida dentro desse amplo processo de exploração e colonização do interior. Conforme documentação organizada e publicada em Belo Horizonte pelo jornal "Porta-Voz dos Municípios" em 1972, os fundadores da cidade foram o fidalgo BRAS ORNELLAS e o bandeirante paulista FELIPE TAVARES DOS SANTOS, este tetraneto de Antônio Raposo Tavares. Antes deles, provavelmente, é possível que outros sertanistas, nas suas locomotões, já tivessem cruzado o seu atual território; se levarmos em consideração os testemunhos que apresentamos neste ensaio.

Ainda não se sabe ao certo (por insuficiência de dados pesquisados) quem dos dois precedeu sua chegada. Em relação a Felipe Tavares (cujas linhagem genealógica estamos levantando), sabe-se que foi o responsável pela doação de 139 alqueires de terras à Nossa Senhora D'Abadia, hoje padroeira do Município. Com relação à



Buritís, Teles Júnior

família Ornellas, sabe-se que o seu patriarca supracitado saiu de Portugal em fins do século XVIII impulsionado por motivos bastante singulares. Membro de uma família aristocrática da nobreza lusitana ligada ao círculo político da Dinastia de Bragança, o fidalgo Brás Ornellas, homem de comportamento impetuoso, rebelde e aventureiro, numa das discussões domésticas habituais, desentendeu-se com o seu pai e, financiado por sua mãe, fugiu com um irmão, passou no litoral da África onde raptou BRISDA, (provavelmente uma jovem princesa negra), comprou escravos e seguiu para o Brasil.

Em nosso País, enquanto seu irmão desembarcou no Rio de Janeiro, Brás Ornellas ficara na Bahia onde, com seu bando de escravos, e, com certeza, bem informado sobre a fertilidade do solo e os climas aprazíveis do noroeste mineiro, seguiu o velho roteiro da "Picada da Bahia". À margem esquerda do Rio Urucuia, afluente do São Francisco, fixou-se e tornou-se um poderoso pecuarista. Casado,

posteriormente, com LAURENA DA SILVA BARRETO, ele teve cerca de seis filhos, entre os quais, Martin Antonio Ornellas, proprietário da Fazenda Rasgado, e Martinho Antonio Ornellas Júnior, dono da Fazenda Pontes.

O local do futuro povoado foi uma opção que denota o apreço de um povo pela estética e a religião. Em fins do século IX da nossa era, um papa do Catolicismo, por sua fisionomia simpática e pelo aspecto singular que envolveu sua morte, ficou conhecido pela alcunha de "Papa Formoso". Nove séculos depois, num lugar cercado de belezas naturais impressionantes (!), situado à margem direita de um riacho batizado com o nome de FORMOSO (que desemboca no Rio Rasgado e este no Rio Piratinga, subafluente do São Francisco), NASCIA UM POVOADO e, com ele, DESPONTAVA O NOME DE UMA CIDADE INSPIRADA NO IMPULSO DO BELO, DA AVENTURA E DA RELIGIOSIDADE.

Erguida a capela e iniciado o povoamento, os grandes criadores de gado da re-

gião, sobretudo a partir de 1840, como Firmino Francisco Magalhães, Rafael de Almeida, Félix Pereira, João Paulo da Silva, Levi Carneiro, Joaquim Lopes da Rocha e o próprio Martinho Antonio Ornelas Junior, entre outros, tornaram-se os PIONEIROS DA ORGANIZAÇÃO DO POVOADO DE FORMOSO.

Dotado de uma capacidade de comando administrativo inigualável, Martinho A. O. Junior logo se transformou no principal líder daquela comunidade. Segundo diz a tradição, era um homem inteligente, habilidoso e um visionário do progresso. Casado quatro vezes, sucessivamente com Joana Gomes de Moura, Jacinta Gomes de Moura (irmã da anterior), Isidia Rodrigues de Almeida e Jovelina, foi pai de dezoito filhos confirmando sua índole como um progenitor generoso e anti-malthusiano. Os seus filhos foram fiéis continuadores da prole e do seu trabalho. Entre eles, cumprem mencionar Benedito, Martinho, Minervino e Joaquim Gomes Ornelas.

Organizado o povoado,

Formoso estava pronto para trilhar sua caminhada centenária para o desenvolvimento. Baseado na exploração da mão-de-obra escrava, comum naquele tempo, e na existência de grandes propriedades, a pecuária manteve-se como a base de sua economia durante a fase que denominamos "GRANDE CICLO AGRÁRIO" (século XVIII-1923). Sua importância estratégica como centro criador, valeu-lhe a sua elevação à condição de DISTRITO DE PARACATU EM 1870. Dezoito anos depois ganhava sua primeira escola, que só veio funcionar a partir de 1912 com as professoras Josinda Martins, Amelia Lins e Arabela Carneiro.

Com um território de 5.326 quilômetros quadrados e uma população de cerca de 4.000 moradores, o arraial contava, em 1910, com doze ranchos, vinte casas de telha, uma capela, três ruas e um cemitério. Isolado pelas longas distâncias e por sua localização geográfica tão desfavorável dentro do Estado, Formoso era até então uma sociedade exclusivamente rural que crescia lentamente sob o impacto, suave e às vezes desagradável, das circunstâncias humanas e da natureza. Mas ali estavam lançadas ao solo as sementes do seu histórico "Despertar Letárgico" entre as serras e as brumas silenciosas.

Graças ao empenho especial do Major Saint-Clair Fernandes Valadares, um destemido pioneiro do Vale do Rio Urucuia, era sancionada, em Sete de Setembro de 1923 pelo governador Raul Soares, a Lei 843 pela qual recriava-se o município de São Romão e em cujo território, após transferir-se de Paracatu, Formoso era anexado como um dos seus distritos. Iniciava-se naquele momento uma série de mudanças significativas. Dois anos depois, proveniente de Januária, a Professora Ana Pereira de Sousa tornava-se a grande responsável pelo ensino formando várias gerações de



Padre Jonas (PP)

O Poder da Cultura

O Poder da Cultura de um povo é muito mais resistente do que se possa imaginar, porque seu engastamento está preso ao acervo intelectual e espiritual desse mesmo povo. Ignorá-lo, dando acesso a entrada da cultura de outro povo é procurar o extravasamento da revolta popular; menosprezá-lo, em troca da propaganda nociva e

embusteira é buscar a impopularidade sem saber; desrespeitá-lo, na tentativa de impor autoridade e "conhecimento superior" é travar uma batalha com a derrota antecipada; Anulá-lo, mediante ações contra o mesmo é injetar a dose de incentivo que ele necessita para sua perpetuação; e, exterminá-lo, pelo uso da força é fomentar e até mesmo

resguardar o seu ressuscitamento futuro. Por isso, alicerçados nos amplos acontecimentos históricos da humanidade, deixamos o seguinte pensamento a todos: se desejam a paz, o progresso, o desenvolvimento ordenado, a democracia e a eliminação dos conflitos, respeitem e protejam o poder da cultura dos povos que compõem o

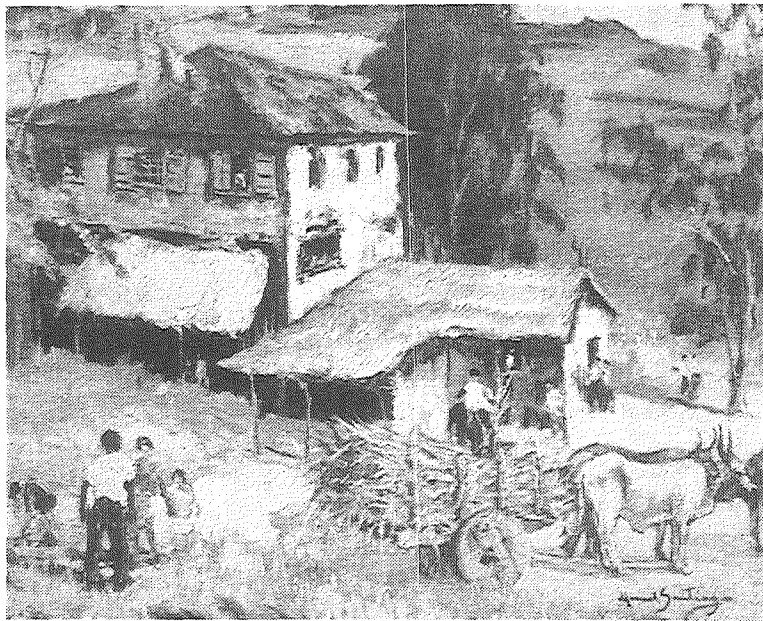
nosso Globo Terrestre, se não as tormentas do desespero universal serão uma constante, porque a cultura não pode ser a expressão raquítica encafiada pela visão caótica de uma ideologia partidária radicalista, pois ela é palco das forças vivas, onde os ensaios de peças inconsúteis tecidas pelas raízes de suas origens.

ilustres formosenses até 1950 quando é criado o Grupo Escolar Martinho Antonio Ornelas pelo Governo Eurico Dutra (gestão Milton Campos) e seu lugar, ocupado por outra grande educadora, Jacinta de Almeida Ornelas. Na Política, figuras insígnies exerceram a vereança, com sacrifícios, abnegação e desprendimento, representando o seu povo. Na Saúde, destacava-se a personalidade notável, emblemática e humanística do velho boticário Abdias Magalhães Ornelas, misto de farmacêutico e médico diplomado na universidade da vida, que salvou dezenas de vidas das garras insanas da morte.

Todas estas mudanças estiveram, de certa forma, ligadas ou condicionadas às modificações sofridas pela economia do distrito. Durante o Período Romanense, Formoso viu surgir e desaparecer dois importantes ciclos econômicos. Com o "CICLO DO CARRO-DE-BOI" (1923-1956), ampliou suas relações comerciais com cidades-pólo da região, principalmente Januária. A passagem do trabalho escravo para o trabalho livre (assalariado) redundou na passagem paulatina de uma sociedade rural para uma sociedade urbana. A supremacia das atividades pecuárias começa ceder espaço a outros setores emergentes como o extrativismo. Por conseguinte, o "CICLO DO PAU-DE-ARARA" (1956-1963), estimulado com a construção de Brasília, faz de Formoso um excelente ponto de parada dos candangos nordestinos e, com isso, fortalece o seu comércio urbano.

Com o seu desenvolvimento fortemente influenciado e vinculado à construção da nova capital, Formoso cria as condições de barganha política necessárias para reivindicar sua emancipação. Vários líderes da comunidade como Oswaldo da Silva Ornelas, Florípio Alves Santana, Vanderlino de Almeida Ornellas etc., reúnem forças, aglutinam apoios e a campanha emancipacionista ganha fôlego, inclusive com o engajamento parlamentar de deputados como Lourival Brasil Filho, Líder da Bancada estadual do PTN (Partido Trabalhista Nacional). Tendo seu nome incluído na lista de distritos a serem emancipados, a criação do município de Formoso foi aprovada pela Assembléia Legislativa de Minas Gerais através da Lei 1.764 de Trinta de Dezembro de 1962, sancionada pelo Governador udenista Magalhães Pinto.

Desmembrado e independente de São Romão, e instalado em Primeiro de Março do ano seguinte, o novo



Velho Engenho, Manuel Santiago

município teve ainda que superar inúmeros obstáculos para consolidar sua autonomia político-administrativa. Doravante, iniciava-se uma "Longa Transição" no sentido de dotá-lo dos mecanismos indispensáveis à sua estruturação definitiva. Nomeado intendente, Oswaldo Ornelas administrou por alguns meses até ser empossado o primeiro prefeito eleito da cidade, VANDERLINO ORNELAS, por sua vez sucedido pelo antecessor e este, precedendo José Botelho de Castro. Nestes dez primeiros anos, Formoso viveu uma espécie de "CICLO PRÉ-IMIGRATÓRIO". A população cresceu aos poucos, ganhou posto de saúde e o prédio para sede dos poderes públicos, e viu chegar os primeiros novos-imigrantes como o ex-motorista candango paraibano Jaudival Vaz Justino.

Incomunicável e isolado por falta de estradas e pontes frágeis, os primeiros meios de transporte da prefeitura foram veículos de tração animal, ou melhor, duas mulas possantes que, humor à parte e considerando os seus relevantes serviços

prestados à Administração, bem poderiam ter sido agraciadas com o honroso título de funcionárias públicas eficientes e pontuais.

Em pleno regime autoritário, o espírito de cidadania conquistou a mente dos formosenses. O pacto de unidade entre as famílias tradicionais foi temporariamente rompido. Nas eleições de 1970, concorreram pela primeira vez dois candidatos, e a derrota da "Oposição amigável" encabeçada por Oswaldino José Ornelas (candidato a prefeito), Jaudival Justino (vereador eleito) e Benedito da Silva Ornelas (patrocinador da campanha), serviu como um autêntico sinal de alerta, pois demonstrava a necessidade de apressar o ritmo das mudanças.

O projeto de "Modernização Conservadora" concretizado entre a segunda metade dos anos 70 e a primeira da década seguinte, comprovou a expectativa destes anseios. O Período Moderno I encerrava-se em 1988, mas deixava para a comunidade a marca de um tempo de sacrifícios e ansiedades. No plano político, a cidade foi governada duas ve-

zes pelo ex-coletor Lourival de Andrade Ornelas e uma vez pelo comerciante Nelson Dias Andrade. No plano econômico é mister destacar dois momentos decisivos: o primeiro, com a chegada dos imigrantes mineiros liderados pelos fazendeiros José Vitório de Lima e Orlando José da Silva, é conhecido como "CICLO PATUREBA" (1973-1979), denominação pejorativa comumente usada em Formoso para designar os recém-chegados; o segundo, chamado "CICLO GAÚCHO" (1979-1988) em que ocorre a fixação dos imigrantes sulistas (gaúchos, paulistas, paranaenses etc.) como Jose Tude e Waldemar Cecchetto, entre outros.

Nestes dois momentos, enquanto permanece de um lado a pecuária extensiva, surge do outro, a mecanização dos cerrados com o incremento de tecnologias avançadas, o que faz da agricultura, antes tradicional e agora moderna, o setor predominante da economia municipal.

O conjunto de realizações e transformações deste período consolidam, definitivamente, a montagem completa da infra-estrutura urbana e administrativa de Formoso. A instalação de luz elétrica e saneamento básico, pavimentação, agências bancárias, postais e telefônicas, segurança pública, antenas de captação de canais de televisão, criação do ensino ginásial e secundário e a ampliação das vias de comunicação rodoviária são alguns dos diversos fatores intervenientes neste processo de urbanização e modernização da cidade.

Este projeto de modernidade, no entanto, apesar das vantagens positivas proporcionadas ao município, tem mostrado seus limites e implicações. Do ponto de vista cultural, a massificação acompanhada do vandalismo e do descaso pela pre-

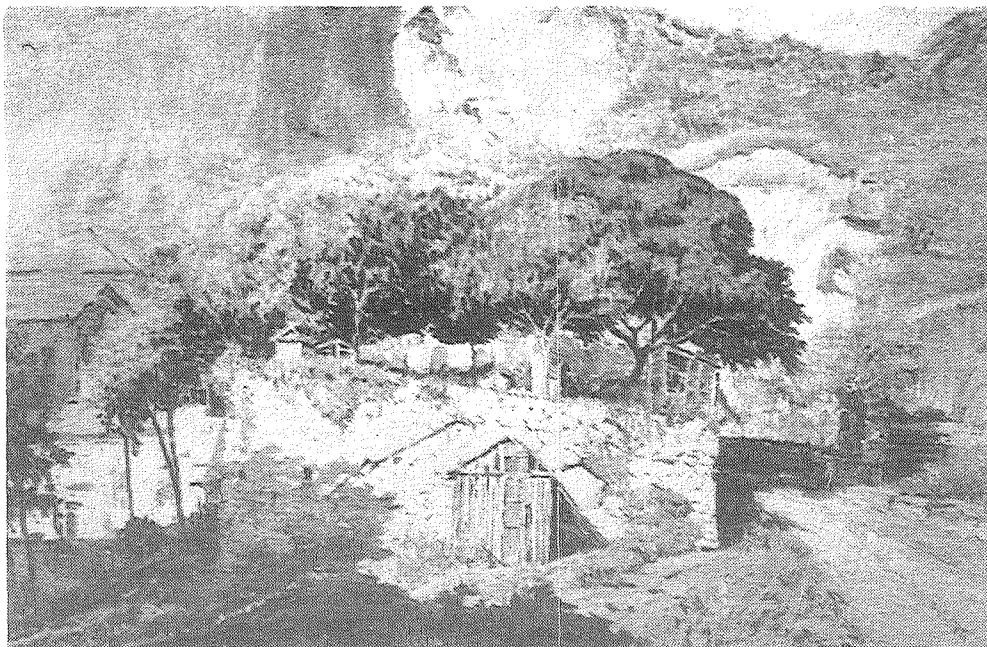
servação da cultura, vem provocando o desaparecimento dos valores e das tradições populares herdadas do Formoso antigo. Do ponto de vista sócio-econômico, Formoso convive, simultaneamente, com a prosperidade do "CICLO NIPÔNICO" (iniciado em 1988 com o "Projeto Piratinga", programa agrícola financiado pelo capital japonês e executado pela empresa CAMPO com colonos do sul de Minas) e o impasse da crise gerada em função do excesso de demandas sociais, que se traduzem no desemprego, na precariedade dos serviços públicos como hospitais equipados, etc.

Politicamente, Formoso é um município que reflete o desejo de institucionalizar o uso de práticas democráticas de relacionamento entre a sociedade civil e seus representantes. Nos últimos anos, o município foi administrado por Orlando José da Silva e, atualmente, por Lourival de Andrade Ornelas. Nos três últimos pleitos de eleições municipais, a Câmara de Vereadores tem sido o melhor termômetro para avaliar o avanço da conscientização política. Isto se verifica ao constatar-mos a alta rotatividade e a renovação freqüente dos membros do Poder Legislativo local.

Esta é, portanto, uma sinopse, sem dúvida incompleta, e vítima de lacunas, na qual tentamos narrar, de modo simplificado, a trajetória histórica de Formoso, desde suas origens até o presente momento. Oxalá, que o aprofundamento de nossas pesquisas sobre a história da cidade, ora em fase inicial de coleta de dados, possa nos fornecer, brevemente, informações elucidativas suscetíveis de suprir as referidas lacunas e proporcionar-nos os instrumentos teóricos necessários para uma futura abordagem empírica e pormenorizada, de caráter eminentemente científico.

O presente texto é a íntegra da conferência proferida pelo autor durante o "3º ENCONTRO DE HISTÓRIA DO PLANALTO CENTRAL" coordenado pelo historiador Paulo Bertran, realizado em Brasília dia 11/12/93 na sede do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal e promovido por este órgão e a Academia de Letras e Artes do Planalto (Luziânia-GO).

□ **Francisco da Paz Mendes de Souza** (Xico Mendes) é professor graduado em História no CEUB e pesquisador, autor da monografia inédita "O Mito da Interiorização Através de Brasília", e agora pesquisa sobre a história de Formoso, sua terra natal. Endereço para correspondência: Av. Independência, 9.16 Casa. 15. Fone (061) 389-6630; Cep: 73320/160, Planaltina-DF.



Cenas do interior